

**A VALORIZAÇÃO DAS VARIANTES POPULARES
DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Nestor Dockhorn
nestor.doc@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Nenhuma língua é homogênea, obedecendo *semper et ubique* a um padrão único. Esse fato já foi reconhecido pelos próprios gregos e romanos. Em relação a esse tema, podem ser tratados três itens. Em primeiro lugar, pode ser proposta a questão da causa das variações. Em segundo lugar, pode ser tratado o problema da valorização de uma variedade e a estigmatização de certas variedades. Em terceiro lugar, pode ser abordado o tema da valorização das variedades populares.

CAUSAS DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Os linguistas, ao tratarem o problema das variações apontam três tipos de variações, originadas por três tipos de fatores: a) o espaço geográfico, que produziria *variações diatópicas*; b) as camadas socioculturais, que produziriam *variações diastráticas*; c) os tipos de modalidade expressiva, que produziriam *variações diafásicas*.

Não queremos contestar essa posição; queremos, porém, opor dois grandes grupos de variações ou variantes: as variantes que podemos chamar de *cultas* e as variantes que podemos chamar de *populares*. Dentro dessa dicotomia, podemos aventar quatro teses, que apresentam questões nada fáceis de serem resolvidas e que deixamos a cargo do leitor ou do ouvinte. São as seguintes.

a) As variantes populares de um idioma são resultado de processos evolutivos das variantes cultas.

b) As variantes cultas são resultado de aperfeiçoamentos artificiais das variantes populares.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

c) As variantes cultas e as variantes populares seguem linhas independentes, sendo cada tipo continuação de linhas anteriores de linguagem.

d) Nenhuma dessas teses está correta.

Quando se lêem as opiniões dos gramáticos, que dizem que o aluno, ao escrever “Nóis fomu”, usou formas erradas, tem-se a impressão de que eles adotam a primeira tese, segundo a qual, a forma *fomu* é uma *degeneração* da forma *fomos*. Ficaria a pergunta: Quando e onde ocorreu tal degeneração? Além disso, ficaria a pergunta: Esse fenômeno evolutivo deve ser considerado uma *degeneração*, num sentido pejorativo, ou, simplesmente, uma *evolução natural*? Pelo que os cientistas afirmam, a evolução é algo *inerente* à natureza física e biológica. Por que não o seria na linguagem?

Se apontarmos a evolução como um processo *natural* na linguagem, a visão valorativa das variantes toma outra consistência.

VALORIZAÇÃO E ESTIGMATIZAÇÃO DE VARIEDADES. VALORIZAÇÃO DE VARIEDADES MINORITÁRIAS.

Há uma atitude que parece universal nas culturas humanas: a atribuição de valor cultural a certos padrões linguísticos e a desvalorização de outros padrões. Historicamente falando, notamos esse fato entre os romanos cultos, que procuravam evitar o léxico e a sintaxe daqueles padrões linguísticos que eles denominavam de *sermo plebeius*, *sermo castrensis*, etc. Esses padrões não eram aceitos nas escolas, nem pelos escritores. Isso quer dizer que eram estigmatizados ou rejeitados.

O fato da estigmatização ou rejeição de certas variedades nos leva a perguntar sobre as causas dessa estigmatização. Concordamos com Soares (Linguagem e escola, p. 83), quando diz que as variedades das classes privilegiadas são tomadas como *padrão privilegiado* e que as variedades das classes menos favorecidas são rejeitadas. Parece-nos, por exemplo, que a linguagem dos *patrícios* em Roma era considerada padrão privilegiado e que a língua da *plebe* era rejeitada.

Surge, então, a questão: O fato de uma variedade ser de uma classe mais alta torna essa variedade mais *perfeita linguisticamente*?

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

Evidentemente não. Sendo a língua um instrumento de comunicação, é natural que cada comunidade tenha os próprios recursos de comunicação linguística. E é natural e lógico que ela não vá buscar recursos de comunicação em outras comunidades, mesmo vizinhas. Nesse sentido, cada comunidade tem o direito a sua autonomia. Em outras palavras, qualquer comunidade linguística pode usar os recursos próprios de comunicação linguística e não pode ser obrigada a usar os padrões de outra comunidade. Isso pressupõe que se trata do uso da linguagem dentro de sua comunidade. Se um membro de uma comunidade quiser dirigir-se a um membro de outra comunidade, será uma questão de cortesia e educação usar os recursos dessa outra comunidade.

Exigir, por exemplo, que o homem da roça fale obrigatoriamente como o homem da cidade é um ato de *prepotência*. E será um ato de orgulho dizer que o homem da roça fala uma língua *errada e desprezível*. E será um ato de cortesia, se o homem da cidade, ao falar com grupos da roça, adaptar-se a esses grupos. É o caso da adaptação necessária nos cultos religiosos. Por isso, penso que tem cabimento tentar adaptar as traduções da Bíblia às variedades populares de linguagem.

O autor da presente comunicação está realizando uma tradução do Evangelho de Lucas, utilizando três variantes populares: uma variedade popular urbana, uma variedade popular da periferia urbana e uma variedade popular rural. Ele não sente vergonha em utilizar expressões como “Elis nãu tchinha fiu; Isabéu nãu cunsguia ficá prenha i us dois já era bem véiu.” Nesse trabalho, o autor procura grafar de maneira especial – mais conforme à pronúncia popular – os textos traduzidos.

A estigmatização das variantes populares tornou-se uma constante nos estudos gramaticais, de tal forma que poucos linguistas se ocupam com esse problema. Já está na hora, porém, de se fazer uma reflexão séria sobre esse tema.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.

COSERIU, E. *Lições de linguística geral*. Trad. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

LABOV, W. *Sociolinguistique*. Trad. Alain Kihm. Paris: Minuit, 1976.

SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al latín vulgar*. Trad. Manuel Carrión. Madrid: Gredos, 1967.